



COMO DESENVOLVER PESQUISAS COM CRIANÇAS? PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA PESQUISA COM CRIANÇAS DE SEIS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

SILVA, Natália Bom¹; SILVA, Fabiana Pereira²; PERES, Eliane Teresinha³

¹Acadêmica do Curso de Pedagogia-FaE/UFPeI Bolsista PET Educação naty_bom@yahoo.com.br

²Acadêmica do Curso de Pedagogia-FaE/UFPeI Bolsista PET Educação fabipereirasilva@yahoo.com

³Prof.^a.Dr.^a. do PPGE da FaE/UFPeI. Tutora do PET/Educação etperes@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é parte de um pesquisa mais ampla que está sendo realizada pelo grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, FaE/UFPeI), desde 2006, e mais recentemente pelo PET/Educação (2007). Atualmente conta com apoio financeiro do CNPq. A investigação denomina-se “*Implantação do ensino fundamental de nove anos em municípios da Região Sul do Rio Grande do Sul*”, e abrange os municípios de Capão do Leão, Rio Grande, São Lourenço do Sul, Piratini, Bagé, Jaguarão, Santa Vitória do Palmar e Pelotas. Nesta comunicação tratamos especificamente do caso de Pelotas.

No âmbito desse projeto surgiu a idéia de fazermos uma pesquisa com as crianças de seis anos, que ingressaram no 1º ano do ensino fundamental de nove anos nesse ano de 2008. Em princípio o objetivo é montar um banco de dados com as falas das crianças, baseado em um roteiro de perguntas, com o objetivo de conhecer o que elas pensam sobre a escola e a aprendizagem da leitura e da escrita. Nas visitas às escolas percebemos, contudo, que conseguíamos mais informações nos ambientes de lazer (recreio, lanche, entrada e saída da escola), do que propriamente nas entrevistas. Isso nos fez (re)pensar no que as crianças pensam e dizem de forma espontânea em espaços mais lúdicos e nas respostas que dão em entrevistas mais estruturadas. Neste trabalho, pretendemos expor experiência com pesquisa com crianças em um projeto piloto que estamos realizando.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Considerando o objetivo mais amplo do projeto de pesquisa, iniciamos o estudo utilizando um roteiro com quatro questões às crianças: “Para que serve a leitura e a escrita?”, “Você está aprendendo a ler e a escrever? Conte-me como é? Como você se sente?”. Nosso objetivo com essas questões é o de descobrir as concepções e sentimentos das crianças de seis anos em relação à leitura e à escrita; além disso, queremos entender melhor como e o quê elas pensam e como vivem no ambiente escolar. Para isso foram entrevistadas inicialmente sessenta

crianças, em três escolas estaduais da cidade de Pelotas. Também estamos realizando estudos bibliográficos sobre pesquisa com crianças e infância. Nosso objetivo agora é conseguir, em espaços mais lúdicos (recreio, lanche, passeios...), uma interação maior com as crianças a fim de qualificar os dados da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças são seres que constroem cultura de pares, ou seja, em grupos desenvolvem uma linguagem, fazem negociações, têm opiniões próprias. E fogem do controle dos adultos. Para CORSARO (2007) cultura de pares é:

“um conjunto de rotinas ou atividades, artefatos, crenças e preocupações que as crianças constroem durante a interação entre elas.”

Por isso a importância de estar com as crianças nos ambientes de descontração quando estão reunidas em grupos e onde são espontâneas, capazes de expressarem seus sentimentos e pensamentos. É importante que o pesquisador esteja disposto a participar e a conversar com as crianças:

“Os adultos querem iniciar conversas com crianças, mas não se sentem à vontade com as respostas mínimas das crianças e sua tolerância para o que (para os adultos) parecem ser longos silêncios.” (CORSARO, 2005, p.448)

As crianças sofrem influência dos adultos em suas respostas. Quando realizamos as entrevistas sentimos que o que falavam não parecia ser os seus próprios pensamentos e idéias, mas o que tinham ouvido dos pais e da professora. Por que sentimos isso? Quando realizamos as entrevistas retiramos os alunos da sala de aula e conversamos com um de cada vez em ambiente escolhido por nós, assim, os levamos ao “nosso espaço de pesquisadoras”. Com essa influência a grande maioria das crianças sentiu um certo receio em responder, porque pareciam não se sentir à vontade. CORSARO (2005) explica o seu processo de pesquisador ao realizar investigação com crianças.

”A etnografia é o método que os antropólogos mais empregam para estudar as culturas exóticas. Ela exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem. Neste sentido, por assim dizer, a etnografia envolve “tornar-se nativo”. Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças – ser uma delas tanto quanto podia.”
(CORSARO, 2005, p.446)

Muitos trabalhos foram realizados sobre as crianças, porém os que são construídos com elas são recentes, é um campo novo de pesquisa e por isso ainda frágil. Segundo Sarmiento (2004), *a infância é etimologicamente a idade da não-fala..., e aluno é o que não tem luz..., criança é o que está em processo de criação...,* contudo, atualmente muitas investigações valorizam as falas das crianças.

Na pesquisa em andamento, procuramos interagir com as crianças. Em visita a uma das escolas pesquisadas fomos convidadas pela professora a participar do passeio à casa das avós das crianças que moram próximas. Ao perceberem nossa presença algumas das crianças perguntaram à professora se também iríamos ao

passeio; a professora respondeu positivamente e duas meninas pediram se nós poderíamos dar a mão a elas, em uma demonstração de afeto e confiança. Outro episódio que confirma isso ocorreu no passeio também, uma vez que na turma havia uma menina que não falava com adultos “estranhos”, sequer na presença deles, conversando apenas com a professora e os colegas. Aos poucos durante o passeio começou a conversar normalmente, sendo nossa presença “familiar”.

E outra escola, na hora do recreio, uma menina veio nos questionar, se íamos entrevista-lá, se sabíamos fazer entrevistas, porque caso não soubéssemos ela nos ensinaria a ser “bons reportes”. Ela afirmou que devíamos antecipar as perguntas, para ela poder pensar nas respostas. Isso revela momento de interação com as crianças, necessária a pesquisa com os pequenos. É preciso considerar que eles têm hipóteses sobre tudo, pensam sobre as atitudes dos adultos, criam e re-criam a cultura.

Em relação às entrevistas que fizemos, quando perguntávamos para serve a leitura e a escrita respondiam basicamente que era para aprender:

“Para as pessoas não serem burras, pra aprender, pras mães gostarem.” (criança 1)

“Ler e escrever? Pra ir para segunda série, quem não sabe roda na segunda.” (criança 2)

“Pra aprender, pra ler e escrever.” (criança 4)

“Pra ficar esperto, pra trabalhar.” (criança 6)

“Pra ensinar os filhos a aprender a ler e escrever. Pra eles ensinarem os filhos deles. Por causa que se não vão ser burro e não vão aprender.” (criança 10)

“Pra não ser burro eu acho. Pra saber as coisas.” (criança 14)

Essas respostas são basicamente “escolares”: “aprender, passar de ano, trabalhar”... São respostas advindas de uma cultura adulta, prontas, introjetadas. Mas as crianças são sujeitos, têm uma cultura própria de infância, vivem em grupos, seja na escola, no bairro, etc. Esperamos, assim, ouvi-lás mais e melhor.

4. CONCLUSÕES

Concluimos que para realizarmos esse tipo de pesquisa precisamos entrar na escola, conviver com as crianças, e “nos tornar” crianças novamente, tendo acesso e compreendendo os seus espaços de convívio de pares. Com a observação nos passeios e recreios, conseguimos ser convidadas a conversar com elas, a participar de suas brincadeiras e de seus espaços. Não só para o professor, mas para os adultos de uma maneira geral, é importante conhecer como pensam e agem as crianças, para melhor aceitá-las e saber tratá-las adequadamente.

Mais do que buscar concepções de leitura e escrita, objetivo primeiro do estudo, estamos aprendendo um *ethos investigativo: pesquisa com crianças é diferente de pesquisar as crianças*. Esperamos aprender mais e melhor isso.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Declaração dos Direitos da Criança –
www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=1000&m=PDF acessado em 17/08/2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto; SOARES, Natália; TOMÁS, Catarina. Participação social e cidadania activa das crianças. CICE 20-22 Maio, 2004, Polónia. (Conference Proposal Form).

CORSARO, William. A entrada da criança no campo, aceitação e natureza da participação, nos estudos etnográficos com as crianças pequenas. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n.91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

CORSARO, William. Cultura se constrói brincando. Revista Pátio educação infantil. Ano V nº15 nov. 2007 / fev. 2008.

JAVEAU, Claude. Criança infância(s), crianças: que objeto dar a uma ciência social da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 379-389, Maio/Ago.2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>